

**O CANTO DOS EXCLUÍDOS: UMA LEITURA TRANSDISCIPLINAR EM JORGE AMADO (BRASIL), YASHAR KEMAL (TURQUIA), E YVES THÉRIAULT (CANADÁ)**

Humberto Luiz Lima de Oliveira  
UEFS/FTC

Seguindo rastreamento de trilhas demarcadas metodologicamente por uma recente, mas já sedimentada tradição dos estudos comparativistas<sup>1</sup>, tenho me proposto o desafio de contribuir para a desconstrução de crenças numa suposta fatalidade dos efeitos perversos provocados pelo desmonte progressivo do Estado, sob a alegação de que é preciso « modernizar-se » preparar-se para fazer parte de uma « nova ordem mundial ». E, uma tentativa de desmistificação dessa « nova vulgata » que conduz ao falso entendimento de que a « globalização » seria uma nova fase do capitalismo, e não uma « retórica » invocada pelos governos para justificar sua submissão voluntária aos mercados financeiros<sup>2</sup> » é a estratégia da leitura de narrativas de escritores inscritos na tradição de um realismo que, desde o século XIX, assume por « missão revelar a complexidade humana que se esconde sob as aparências de simplicidade », na contraposição da tecnociência que busca « dissolver a complexidade das aparências para revelar a simplicidade oculta da realidade<sup>3</sup> ».

*Memed, meu falcão*, (1958), do turco de origem curda, Yashar Kemal, *Ashini*, (1960), do canadense natural do Quebec, Yves Thériault, e *Tenda dos Milagres*, (1969), do brasileiro natural da Bahia, Jorge Amado, são publicadas no momento em que o capital internacional realiza investidas consideráveis que vão alterar profundamente uma grande parte do globo e, particularmente, os perfis das sociedades brasileira, quebequense e turca, cujos governos, sob a retórica do nacionalismo, mobilizam as mentes e corações para a adesão irrestrita aos projetos modernizadores. Deste modo, Brasil, Québec e Turquia, contaminam-se dessa “febre

---

<sup>1</sup> PAGEAUX, D.-H. Da literatura comparada à teoria da literatura. Lisboa : Edições 70, 1989; FIGUEREDO, Eurídice; SANTOS, Eloísa Prati dos (orgs) *Recortes Transculturais*. Rio de Janeiro: EDUF/ABECAN, 1997. BERND, Zilá ; PORTO, Maria Bernadete V. *Fronteiras, passagens, paisagens na Literatura canadense*. Rio de Janeiro : EDUFF, 2000.

<sup>2</sup> Pierre BOURDIEU e Loïc WACQUANT. A nova Bíblia de Tio Sam. *Folha de São Paulo*, s.d.

<sup>3</sup> MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. Trad. por Eloá Jacobina. 5.ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.

de modernidade” que se constitui numa “necessidade histórica” das economias nacionais sob a batuta do capitalismo internacional. Assim, a orientação “para o futuro” transforma-se em moda e as pessoas se vêem compelidas a seguirem em direção a um futuro marcado pela idéia de “progresso”, com seus símbolos e rituais, todos querendo “atualizar-se”, pois cada indivíduo procura revelar-se conectado com a moda, submetendo-se ao « seu arbítrio, tanto no sistema consuetudinário geral quanto no vestuário ou nas esferas estéticas da vida[...] »<sup>4</sup>.

Na verdade, pode-se afirmar que estava em acionamento essa máquina etnocidária que os imperialismos trazem consigo, em sua ânsia de a tudo homogeneizar, para permitir a livre expansão dos mercados, na medida em que o capitalismo constitui-se « numa máquina de produção que é por sua vez a mais assustadora máquina de destruição », nada podendo lhe ser interposto, « tudo devendo ser produtivo, de uma produtividade levada a seu regime máximo de intensidade », mesmo que o preço a pagar seja a eliminação de « homens, natureza, espaço, mares, sociedades, indivíduos »<sup>5</sup>.

A febre de modernidade que toma os indivíduos traz como consequência mais imediata o chamado desenraizamento naqueles que, não mais podendo permanecer integrados ao seu grupo ou meio social, por outro lado, não podem integrar-se aos novos grupos, não partilhando dos novos valores e, desta forma, são empurrados para as margens ou periferias das sociedades, vitimados por essa que é « ... a mais perigosa doença das sociedades humanas, porque se multiplica a si própria[...]na medida em que, ou torna os homens inertes, ou os conduz numa obsessiva e violenta ação desenraizadora sobre aqueles que ainda não se desfizeram de suas raízes<sup>6</sup>. » Por isso, se, no Brasil, Canadá e Turquia, os aparelhos de Estado procuram forjar nacionalidades que estejam impregnadas ao *ethos*

---

<sup>4</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1970, p. 90.

<sup>5</sup> CLASTRES, Pierre. Do etnocídio. *Arqueologia da violência*. Tradução por Carlos Eugenio M de Moura, São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 61.

<sup>6</sup> WEILL, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Trad. Therezinha G.G.Langlada. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p. 35.

capitalista que é necessário implementar, com a ênfase em tipos representativos em sintonia com as transformações econômicas, sociais e culturais em curso, no entanto, outras serão as opções de Jorge Amado, Yves Thériault e Yashar Kemal que vão privilegiar personagens representativas de grupos politicamente marginalizados na vida social do Brasil, Canadá e Turquia.

Em cada um destes três romances, o foco narrativo busca iluminar áreas aparentemente condenadas ao desaparecimento, numa clara tentativa de recuperação do passado, pois estariam em jogo transformações substanciais, tanto no que se refere aos comportamentos, quanto às motivações, sonhos, desejos, isto porque « [...]O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete<sup>7</sup>. [...]»

### ***Ashini*<sup>8</sup>, ou o imbricamento da questão identitária no Quebec.**

Esta narrativa constitui-se numa dessas obras que resistem aos enquadramentos rigorosos de gênero literário, mesmo sendo editada sucessivamente sob a abrangente classificação de romance. Quanto à temática e ao estilo, os críticos são unânimes em estabelecer paralelos e aproximações entre *Ashini* e a narrativa de Félix - Antoine Savard, *Menaud, maître-draveur*. E, talvez seja neste paralelo que resida a principal ironia desta obra na medida em que, parodiando aquela que é considerada a narrativa fundadora da quebecidade, apresente ao leitor, na condição de herói narrativo, a personagem indígena que questiona a usurpação da identidade e a desposseção dos territórios que o branco-europeu empreendeu sobre as terras americanas e, de modo insofismável, propõe uma nova

<sup>7</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 144.

<sup>8</sup> THÉRIAULT, Yves. *Ashini*. Montréal : Bibliothèque québécoise, 1989.

reconfiguração do pacto social e político<sup>i</sup>, rompendo com a supremacia do mito dos chamados dois povos fundadores da canadianidade<sup>9</sup>.

Assumindo-se como chefe do seu povo, já que possui a generosidade (ele se doa a si próprio) e tem o dom da oratória, além de querer fazer a paz<sup>10</sup>, Ashini, com as tintas do seu próprio sangue, escreverá ao Primeiro-Ministro canadense cartas que nunca serão lidas, posto que, talvez, interceptadas por um quebequense de nome provocador : Levesque, o que remete diretamente ao nome de um dos ideólogos da chamada Revolução Tranquila<sup>11</sup>, que lutaria pela autonomia política do Quebec. Perspicaz e profundamente desconfiado das instituições, Yves Thériault evidencia o imbricamento da questão identitária canadense no momento em que os aparelhos de estado do Quebec eram acionados para criar o chamado cimento afetivo de uma quebecidade pensada sobre a herança branco-européia francófona.

Sabendo que deve cumprir a missão que, através do êxtase xamânico, ele tomou para si, o indígena sexagenário verá realizar-se o seu destino ao penetrar numa agonia semelhante à do Cristo no calvário : uma longa e angustiante espera de um acontecimento previamente conhecido e do qual ele não poderia escapar. Desta maneira, Thériault ressignifica a função do xamã indígena e, ao mesmo tempo, humaniza o papel do Cristo, na linha da teologia da libertação: o Cristo vivo, encarnado nos marginalizados, nos que são compelidos à periferia : dentre esta multidão de excluídos, o indígena, o autóctone. Por isso Ashini se sacrificará, deixando-se pender de um poste. E, se por um lado pode parecer aos olhos do leitor um espantinho a figura que balança ao vento, por outro lado, pode também indicar uma releitura

---

<sup>i</sup> Num monólogo belíssimo, Ashini expõe a fratura do tecido social canadense, conforme excerto a seguir : « [...]Mon pays, le pays des Montagnais.[...] Les Montagnais? Puisqu'il n'était vraiment le pays des Montagnais, quelque illusion que j'en puisse entretenir, puis cet Ungava, ce Labrador, cette Côte Nord, péninsule immense comme un royaume n'appartiennent qu'aux Blancs qui avaient déjà commencé à en user à leur guise en me refoulant et les autres jusqu'au delà de la Pentecôte, au-delà de la rivière aux Outardes et plus loin encore, pourquoi ne serais-je pas le libérateur? » (Ashini, p. 37).

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Humberto L.L. de. Celebrações da heterogeneidade : Identidades culturais nas ficções literárias do Brasil, Quebec e Turquia. In (org) OLIVEIRA, Humberto L.L. de e SOUZA, Lícia Soares de. *Heterogeneidades : Jorge Amado em diálogo*. Feira de Santana : UEFS, 2000.

<sup>10</sup> CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>11</sup> Cf. GOUGEON, Gilles. (org) *Histoire du nationalisme québécois*. Québec: VLB, 1993.

da crucificação. Simbolicamente, o rito sacrificial será feito na entrada da reserva indígena, espaço de degradação (Cf. Ashini, p. 98). E, se no seu epitáfio, o homem branco ainda poderá degradar ao registrar como provocado pela demência senil o seu gesto sacrificial, Ashini terá deixado a supostos descendentes o seu discurso, impregnado de lirismo e de poesia mediática, narrando a vida comunitária dos autóctones que, integrados ao Grande Círculo Sagrado da Vida<sup>12</sup>, comungavam da Natureza e partilhavam da felicidade, razão de existir dos seres humanos que estão isentos da perversão de uma civilização que traz em seu bojo a exclusão da alteridade.

***MEMED, MEU FALCÃO*<sup>13</sup>, na outra margem do Bósforo.**

Revisitação de *Memed, o Magrinho* que daria projeção nacional a Yashar Kemal, *Memed, meu Falcão* surge no momento em que o Governo turco, tendo cedido o território para a implantação da base militar dos Estados Unidos, mobiliza seus aparelhos para uma investida decisiva no processo de ocidentalização, apregoando o devir de progresso engendrado pela aquisição de novas tecnologias e por uma imersão na cultura ocidental.

Sob a rocambulesca história do bandido honrado, no melhor estilo de Robin Hood e Lampião, Yashar Kemal tece uma narrativa estruturada em micronarrativas autônomas que formam um grande afresco da cultura turca que é recuperada por Memed, o herói, em sua fuga, após matar o sobrinho de Velid, o todo poderoso senhor feudal. Nessa viagem que ele empreende em direção ao interior da Cilícia, às mais recônditas regiões, Memed irá (re)descobrir costumes, recuperando valores e tradições, numa clara reapropriação do

<sup>12</sup> BOUDREAU, Diane. *Histoire de la littérature amérindienne au Québec*. Montréal: L'Hexagone, 1993.

<sup>13</sup> KEMAL, Yashar. *Memed, meu falcão*. Trad Wilson Roberto Vaccari. São Paulo: Marco Zero, 1989.

passado, e, desta forma, (re)define sua própria identidade<sup>ii</sup>.

A recuperação da memória coletiva traz consigo o resgate de valores considerados como distintivos da cultura turca, a exemplo da hospitalidade enquanto ideal de vida e virtude a ser perseguida, magistralmente cristalizada na personagem Kerimoglu, chefe da tribo dos Cabelos Negros, nômade que acolhe, alimenta e veste Memed e seu amigo Jobbar em sua tenda (p. 111). Mesmo deparando-se com a violência de Durdu Maluco, que vem para roubá-lo, para estranheza de todos, dirá ao seu agressor : « -Coma e depois roube. [...] Os que vêm à tenda de Kerimoglu nunca partem sem comerem à farta » (p.117). É também esta figura emblemática que oferece a Memed a oportunidade de reencontrar outra antiga tradição turca, a tenda, habitação privilegiada dos povos nômades : « Inclinando a cabeça, eles entraram. Já do outro lado, Memed parou, boquiaberto, assombrado com a beleza da tenda. Os olhos arregalados, nem sequer ouvia as saudações do nômade. Como é que tanta luz conseguia penetrar na barraca? [...] »(MMF: p 111) A descrição da grandiosidade do espaço arquitetônico da tenda é um recurso do qual se serve o narrador para a denúncia do processo de sedentarização forçada que condenou a maioria das povos da região anatoliana a viverem em miseráveis casebres, homens e mulheres dividindo o mesmo teto com animais, característica dos vilarejos enquanto espaço intermediário entre o rural e o urbano. Acrescente-se que, buscando manter laços com a vida rural da qual são arrancados, os indivíduos tendem a operar uma “ruralização” dos espaços urbanos.

Ao contrário dos demais bandidos, Memed transpõe os limites do ato individual e coloca-se a serviço da coletividade, assumindo como prioritária a luta pela libertação dos camponeses. Sem temor de utilizar-se da violência como forma de luta para afastar a tirania<sup>14</sup>,

---

<sup>ii</sup> Confira o discurso de Grande Ismail, personagem considerada luminar : «Eu me lembro- prosseguia Grande Ismail-, da grande batalha contra os otomanos, quando os otomanos foram vitoriosos.[...]Depois forçaram o exílio dos Avshar para Bozok e espalharam a tribo inteira.[...]Depois, os otomanos, à força, instalaram as tribos no Chukorova e destruíram os campos e forneceram escrituras de posse. Colocaram soldados nas estradas da montanha para que não pudéssemos mais migrar para os pastos de verão das terras elevadas. Os nômades morreram feito moscas no Chukorova, alguns de malária, outros por causa do calor ou das epidemias que surgiam entre eles.[...] De repente, tudo ficou diferente. As pessoas se tornaram mesquinhas. Aquilo que os otomanos tinham previsto acontecera ». ( *Memed, meu Falcão*, p.177-178).

<sup>14</sup> HOBBSAWN, Eric. *Bandidos*. 2 ed. Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense, 1976 ;  
FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

Memed não hesita em matar o tirano e em incendiar os campos de cardo, purificando pelo fogo os campos onde, tornados de novo fraternos, os homens poderão trabalhar a terra farta e generosa (p. 274).

### **TENDA DOS MILAGRES<sup>15</sup>, uma outra mestiçagem.**

Num cenário ficcional que evidencia os signos de um processo de modernização social (indústria petroquímica, indústria cultural, liberação dos costumes, etc.) sob o controle do pelo regime militar que edita o AI 5, Jorge Amado publica *Tenda dos Milagres*, tematizando as questões identitárias já esboçadas em *Jubiabá* (1933) em outro decisivo momento de (re)definição identitária. E, no tempo do discurso, o narrador, em *media res* leva o leitor ao tempo da história (1868-1943) onde se realiza a pesquisa de campo para o resgate da vida e da obra de Pedro Archanjo, sob a encomenda de um acadêmico investido de poderes simbólicos inquestionáveis, pois além de sua inteligência e dos talentos multidisciplinares, foi laureado com o prêmio Nobel e « como se tudo isso não bastasse » era **estadunidense**. Com esta estratégia, fica assim legitimada a obra desse “pardo, pobre e paisano”, Pedro Archanjo, voltada para a valorização da herança afro-brasileira na formação da identidade nacional que ele vê como mestiça.

Revisitação de *Jubiabá*, *Tenda dos Milagres* faz reemergir no espaço ficcional personagens fortemente impregnadas pelo amor à liberdade que as faz viverem em contraposição aos modelos branco-europeus calcados na racionalidade e na contenção das emoções, em que pesem as marcas dos sofrimentos provocados pela perversão dos modelos econômicos excludentes. Um povo, portanto, ainda marcado pelo mistério primitivo (tradição) tão bem representado pela figura de Majé Bassan, a grande sacerdotisa, depositária

---

<sup>15</sup> AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. Rio de Janeiro : Record, 1969.

da memória africana, e que tem como contraponto o mestiço Tadeu Canhoto, seu neto afetivo, o qual, tendo se apropriado das senhas realiza os ritos de passagem e, no barco do conhecimento (ciência), singra os mares da nova sociedade (que deveria estar organizada sob o signo da racionalidade), implicando no controle das emoções, no abandono das tradições, na recusa ao passado e na incorporação da ideologia. Este é o preço a pagar para a inserção social e a personagem de Tadeu não hesita em fazer esta travessia : forma-se em Engenharia Civil, profissão altamente prestigiada nas primeiras décadas do século XX, casa-se com uma moça rica e «branca da pele de opalina» e vai morar num bairro nobre da cidade, criando novas raízes em outros territórios.

Mas, fiel a sua tese, Jorge Amado esboça com largos traços a personagem de Damião de Souza, este *alter ego* de Tadeu Canhoto, este outro filho de Pedro Archanjo que se mantém fiel à sua comunidade de origem à qual se liga por laços de pertencimento e de solidariedade. Este outro antigo aprendiz da *Tenda dos Milagres* torna-se uma incontestável liderança. Chamado de Major pelo povo pobre da cidade da Bahia de quem se torna representante, Damião de Souza é um mediador de mundos, pois transita entre diferentes espaços geográficos e sociais. Se, por um lado é oriundo da comunidade afro-brasileira, por outro lado, assim como Archanjo, Damião também se apropria do patrimônio cultural da sociedade ocidental, passando a ser um conhecedor dos mecanismos de controle social do Estado encerrados no corpo de leis (TM: 199). E, no tempo do discurso, também não prevalece o branqueamento: seja nos indivíduos, seja no espaço ficcional que tem o Pelourinho como cenário e personagem da obra amadiana. Desta forma, no plano da cultura, o que poderia ser visto como uma suposta hegemonia da cultura branca que estaria sugerida pelas cenas do enterro de Pedro Archanjo/ Ojuobá no cemitério católico, contudo, parece dar-se o inverso com a extensa descrição, cuidadosamente elaborada numa linguagem de inegável lirismo, dos rituais fúnebres africanos, com o implícito elogio não apenas à beleza do



espetáculo ( a cidade pára não apenas para ver, mas também para ouvir o canto!), o que sugere a predominância do elemento afro<sup>iii</sup>.

Vendo a forma apressada com que se desagregavam valores e culturas, percebendo que os indivíduos, desprovidos de seus referenciais, poderiam ser « [...] submergidos às leis econômicas como se estas fossem leis naturais, tornando-os, portanto, escravos da alienação<sup>16</sup>», Jorge Amado, Yashar Kemal e Yves Thériault tecem estas narrativas protagonizadas por contraditórios heróis, numa clara reatualização da epopéia, engajados em crenças firmes, portadores de valores que supõem a postulação de uma transcendência<sup>17</sup>, embora carreguem em si mesmos signos que remetem à precariedade: Memed, por ser magrinho e pequeno, confundindo-se com um menino; significando rochedo, em língua montanhesa, Ashini, no entanto, está envelhecido e alquebrado pelas dores morais; Pedro Archanjo, se por um lado é sedutor e inteligente, por outro lado é “pobre, pardo e paisano », logo, todos apresentam perfis que apontam o pertencimento aos grupos periféricos ou marginalizados e vão formar a categoria social dos excluídos do banquete do progresso.

Recriando mundos, estas narrativas não nos deixam esquecer que, sob retóricas diferentes, o que está em acionamento é a velha máquina etnocidária que busca homogeneizar as diferenças através da imposição persuasiva de uma cultura que se quer superior. Por isso penso que podem servir de estratégias para o questionamento de uma globalização que ameaça descaracterizar as culturas locais através de um processo de mercantilização das relações entre os homens. Mesmo porque, longe de uma adesão à celebração do « reconhecimento cultural » que funda o chamado « multiculturalismo<sup>18</sup> », estes autores

---

<sup>iii</sup> Exemplar é a narração dos rituais do funeral de Pedro Archanjo : « Prossegue o enterro, subindo a ladeira: três passos em frente, dois passos atrás, passos de dança ao som do cântico sagrado, o caixão erguido à altura dos ombros dos obás: Iku lonan ta ewê / Iku lonan ta ewê / Iku lonan ». No meio da encosta, o professor Azevedo toma de uma alça do esquife, fáceis lhe foram os passos, trazia-os na mistura do sangue[...]Obás e ogans de costas como ordena a obrigação, entram o caixão de Ojuobá, Ao lado do jazigo, em meios às flores e ao pranto, calam-se os atabaques, cessam a dança e a cantiga[...] » (*Tenda dos Milagres*, p. 32)

<sup>16</sup> HELLER, Agnes, op. cit. p.43.

<sup>17</sup> BROCHU, André. Yves Thériault et le héros contredit. In (orgs.) GALLAYS, François; SIMARD, Sylvain; VIGNEAULT, Robert. *Le roman contemporain au Québec* (1960-1985). Archives des Lettres canadiennes. Québec: Fides, 1992, t. 8.

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc. Op. cit. p.2.

fogem das armadilhas dos essencialismos, sem no entanto perderem de vista a necessidade de (re)definir as identidades em contextos de trocas muitas vezes desfavoráveis.